CONGRESSO BRASILEIRO DE ALFABETIZAÇÃO
ISSN 2763-8588

ENTRE O PLANEJAMENTO DAS REDES E O EFETIVO RETORNO ÀS AULAS PRESENCIAIS: um estudo sobre uma rede municipal

Fernanda Arndt Mesenburg[1]

Eugênia Antunes Dias[2]

Alisson Castro Batista[3]

Raissa Souza Santiago[4]

Luzia Helena Brandt Martins[5]

Mateus Valadão de Souza[6]

Gilceane Caetano Porto[7]

Eixo temático: 10 - Alfabetização e pandemia: desafios, aprendizados e perspectiva

Resumo:

Este estudo dedica-se a compreender, em termos de planejamento e implementação, como se deu o retorno às aulas presenciais em um município do interior do estado do Rio Grande do Sul. Trata-se de um estudo conduzido por pesquisadores/as do Grupo Interdisciplinar de Pesquisas em Educação Pública – GIPEP, da Universidade Federal de Pelotas, o qual integra a Pesquisa Nacional "Alfabetização em Rede". Atualmente a referida pesquisa encontra-se na segunda etapa de investigação, envolvendo 36 universidades do país, com o objetivo de compreender como se deu a volta ao presencial de crianças em processo de alfabetização, matriculadas em turmas do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Neste estudo utilizamos os dados coletados através de rodas de conversa realizadas com as docentes participantes da pesquisa, bem como as informações quantitativas obtidas com aplicação de *survey*. Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, cujos dados foram analisados através da abordagem da análise de conteúdo. Como resultado, observam-se carências na organização da rede investigada e a importância da participação das professoras no processo

[1]Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pelotas. Pesquisadora do GIPEP. Contato: fernandamesenburg@gmail.com

[2]Doutora em Educação Ambiental. Professora da Faculdade de Educação na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Pesquisadora do GIPEP. Contato: eugeniaad@gmail.com

[3] Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista do Programa de Educação Tutorial Pedagogia (PET Pedagogia). Pesquisador do GIPEP. Contato: fisicalissonbatista@gmail.com

[4] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas. Bolsista de Iniciação Científica pelo CNPq. Pesquisadora do GIPEP. Contato: santiagosraissa@gmail.com

[5] Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista do Programa de Educação Tutorial Pedagogia (PET Pedagogia). Contato: luziaamartins@gmail.com

[6] Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Bolsista do Programa de Educação Tutorial Pedagogia (PET Pedagogia).Contato:matheus-souza1988@hotmail.com

[7] Doutora em Educação. Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Líder do GIPEP.- Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Educação Pública. Contato: gilceanep@gmail.com

de redução da precarização, tanto do ensino remoto, quanto no retorno ao presencial. Mesmo imersas em um contexto de insegurança e precariedade, as docentes instituíram formas de recuperar as aprendizagens, bem como fortalecer o aspecto emocional dos alunos.

Palavras-chaves: alfabetização; pandemia; políticas públicas, pós-ensino remoto; planejamento.

1 Introdução

Mesmo tendo sido declarada pela Organização Mundial da Saúde o fim da emergência de saúde pública para Covid-19 no Brasil e no mundo[8], as sequelas deixadas pela pandemia ainda são bastante visíveis. Trata-se de um contexto de vulnerabilidade ainda vivenciado, que repercute em diferentes setores da sociedade. Em termos de saúde pública, ainda existe um expressivo número de internações por Covid-19; na área econômica, as famílias, principalmente em situação de vulnerabilidade social, ainda enfrentam um cenário precário em termos de disponibilidade de recursos para subsistência; e na área da educação, foco deste estudo, as lacunas na aprendizagem e na socialização de crianças de diferentes faixas etárias, aprofundadas na pandemia, ainda persistem.

No campo educacional, muitas pesquisas vêm sendo desenvolvidas com o intuito de compreender o real cenário deixado pela pandemia (MACEDO, 2022), muitas delas na tentativa de buscar, coletivamente, caminhos para superação dos problemas evidenciados. Este estudo centra-se em compreender como se deu a organização da rede municipal de um município do interior do estado do Rio Grande do Sul para o retorno às aulas presenciais, com base na perspectiva das docentes[9] investigadas. Entre o planejamento e o retorno efetivo, o que de fato ocorreu? Quais foram os desafios enfrentados? Como eles foram ou ainda estão sendo superados? Com base nestes questionamentos é que este estudo foi delineado.

Baseados nos dados da segunda etapa da Pesquisa Nacional Alfabetização em Rede, denominada “Retratos da alfabetização no pós-pandemia: uma pesquisa em rede”, detalhada a seguir, bem como através das informações obtidas com as rodas de conversa, organizamos as informações, buscando caracterizar como se deu o retorno às aulas presenciais em termos de planejamento e prática, no município investigado.

Os dados apontam para uma contradição entre o planejamento da rede e o que foi vivenciado nas escolas. As dificuldades encontradas apresentaram-se de forma mais aguda

[8] Notícia publicada pelo Senado Federal no dia 08.05.2023. https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/05/08/decretado-fim-da-emergencia-sanitaria-global-de-covid-19

[9] Utilizamos o termo no feminino, tendo em vista que o magistério é uma área majoritariamente composta por mulheres. Além disso, dos 71 sujeitos que compõe nossa amostra, apenas 1 é do sexo masculino.

do que o identificado pela rede e a resolução para elas partiu, predominantemente, das docentes. Trata-se de um processo longo de recuperação de lacunas na aprendizagem, bem como da saúde emocional das crianças e, para tanto, se faz necessário o investimento por parte da rede no sentido da formação docente, da disponibilização de recursos e organização de estratégias pedagógicas para a recuperação das aprendizagens, conforme observado na fala das professoras. Este investimento da mantenedora não foi identificado e as docentes foram novamente apontadas como aquelas que, de fato, contribuíram para que o retorno às aulas presenciais pudesse ocorrer de maneira menos precária.

2 Fundamentação teórica

A pandemia, além de outras mazelas, potencializou a desigualdade social já observada em nosso país (OLIVEIRA; JUNIOR, 2022). O ensino remoto emergencial acentuou um abismo entre crianças de escolas públicas e privadas, bem como aumentou a heterogeneidade das turmas em termos de aprendizagem, em virtude do acesso ou não às tecnologias durante as aulas remotas. Estudos apontam que, mesmo de forma precária, crianças que tiveram interação durante o ensino remoto com suas professoras, retornaram para a escola presencial com mais subsídios para o aprendizado da leitura e da escrita (MACEDO, 2022).

Nóvoa (2022, p. 26) aponta que esta problemática se deu, principalmente, pela falha do poder público em garantir o acesso. Segundo o autor, “os ministros e as autoridades públicas ficaram dependentes de plataformas e de conteúdos disponibilizados por empresas privadas, não sendo sequer capazes de assegurar o acesso digital a todos os alunos”. Para além de não acessarem adequadamente os meios digitais, as crianças também estavam expostas a um cenário de extrema pobreza e precariedade, sem garantia a direitos sociais básicos como moradia, alimentação e saneamento.

Como corroboram Saviani e Galvão (2021, p. 44), antes era preciso:

> [...] prover as residências, em primeiro lugar, das condições de sobrevivência, com manutenção de merenda escolar entregue nas casas dos alunos ou dos auxílios estudantis no caso dos estudantes universitários; com os governos assegurando programas de renda para manutenção das famílias, acesso à água tratada e produtos de higiene.

As professoras também se viram com dificuldades de acesso, tendo que subsidiar com recursos próprios a compra de equipamentos e a melhoria da rede de internet de suas residências. Macedo e Cardoso (2022, p. 17-18), expuseram a desigualdade social que demarcou “as condições de acesso às Tecnologias Digitais (TD) e as condições de realização

no ambiente doméstico, tanto do exercício profissional, por parte dos professores, quanto de atividades tipicamente escolares, por parte das crianças."

A precariedade de todas as ordens, principalmente de acesso aos serviços básicos e à tecnologia por parte das crianças, aliada a insegurança dos professores, dos alunos e suas famílias no aspecto também emocional, tornou o cenário do retorno ainda mais desafiador.

Novamente as professoras se tornaram peças essenciais neste quebra-cabeça do retorno às aulas presenciais. Mesmo sobrecarregadas e com carências de diversas ordens, organizaram-se e criaram formas de concretizar, mesmo que lentamente, as aprendizagens necessárias para o avanço dos alunos (NÓVOA, 2022).

3 Metodologia

Este estudo de abordagem qualitativa, apoia-se nos dados oriundos da Pesquisa Nacional "ALFABETIZAÇÃO EM REDE" da qual fazemos parte enquanto grupo de pesquisa (GIPEP/UFPEL). A referida pesquisa teve início logo que foi instituído o ensino remoto emergencial no país.

Na primeira etapa, com pesquisadores de 29 universidades, o objetivo central residiu em pesquisar as condições da alfabetização de crianças na Pandemia da Covid-19, através de *survey* aplicado à professoras de todo o país, com o qual obtivemos 14.735 respostas, representando 18 estados brasileiros. Posteriormente, foram realizados grupos focais com as docentes respondentes, de acordo com a organização de cada conjunto de pesquisadores. Atualmente, a pesquisa encontra-se na segunda etapa, com pesquisadores de 36 universidades, intitulada "Retratos da alfabetização no pós-pandemia: uma pesquisa em rede", cujo objetivo é compreender como se deu a volta ao presencial de crianças em processo de alfabetização, matriculadas em turmas do primeiro ao quinto ano do Ensino Fundamental. Para tanto, foi feita a distribuição de um novo *survey*, onde se obteve 6.067 respostas. A partir destes dados, os pesquisadores aplicaram os filtros conforme seus interesses de pesquisa, gerando dados mais locais, para além da amostragem nacional.

Para este estudo em específico, filtramos os dados do questionário, selecionando apenas as respostas das docentes da rede municipal pesquisada, totalizando 71 professoras. Após, enviamos o convite para a participação nos grupos focais, ou rodas de conversa como foram chamadas. O grupo focal é "uma técnica de levantamento de dados que se produz pela dinâmica interacional de um grupo de pessoas" (GATTI, 2012, p. 12), ou seja, os dados são produzidos através do diálogo e do compartilhamento de vivências, gerando melhores condições para que as participantes se sintam à vontade para fazer suas colocações, livres de qualquer julgamento. A partir do aceite, compusemos cinco rodas de conversa, das quais

participaram 14 docentes.

As rodas de conversa foram estruturadas a partir de um roteiro prévio, elaborado pelos participantes da pesquisa nacional. Com a filtragem dos dados quantitativos do questionário, bem como com as informações obtidas nos diálogos com as professoras, organizamos a análise aqui exposta, a qual está amparada, em termos metodológicos, dentro da perspectiva da Análise de Conteúdo (BARDIN, 1977).

4 Resultados e Discussão

No que diz respeito a preparação da infraestrutura das escolas para o retorno, 64,8% das entrevistadas a caracterizaram como sendo ótima, muito boa ou boa. Regular, ruim, péssimo ou inexistente representaram um total de 35,2%, conforme tabela abaixo.

Como você avalia a preparação da infraestrutura da sua escola para a volta ao ensino presencial?	**Quantidade**	**%**
Ótimo(a)	9	64,8%
Muito Bom/Boa	14	
Bom/Boa	23	
Regular	14	35,2%
Ruim	8	
Péssimo(a)	1	
Inexistente	2	
Total geral	**71**	**100,00%**

Fonte: Elaboração dos próprios autores.[10]

No entanto, o que foi retratado nas rodas de conversa diverge em alguns aspectos desses percentuais. Para Clara[11], a questão da infraestrutura foi algo que se apresentou de forma frágil.

> *Exatamente isso, uma infraestrutura, ter sala, ter espaço para brinquedoteca, para cantos na sala de aula, para que eles possam se mexer. Para ter uma ideia, tem salas que eles não conseguem levantar sem o colega do lado levantar.*

[10] Todas as tabelas foram elaboradas pelos autores deste estudo, com base nos dados da Pesquisa Nacional.
[11] Foram atribuídos nomes fictícios para todas as professoras.

Betina ainda complementou, explicando que, em sua escola, recebem todo o apoio da equipe gestora, mas que se trata de uma *"questão da infraestrutura que realmente não está ao alcance da direção da escola",* ou seja, existe a dificuldade da rede no que diz respeito à manutenção e organização das escolas em termos de espaços físicos, os quais são extremamente importantes para a aprendizagem. Uma fala bastante marcante, e que traduz parte dos sentimentos que observamos no decorrer das rodas, foi proferida por Diana: "*Tanto a parada quanto o retorno, me parece que foi aquela coisa meio no atropelo, vamos fazer como dá e vamos indo."*

Em termos de preparação pedagógica, o retorno em 2022 ocorreu sem escalonamento. Os desafios permaneceram, mas havia a possibilidade mais concreta de avanços, tendo em vista o acompanhamento diário dos alunos. No entanto, as docentes apontaram algumas exigências da rede como algo que dificultou o trabalho, burocratizando-o. Conforme relata Patrícia, a utilização das habilidades do Documento Orientador Municipal (DOM)[12] como base para o planejamento foi uma delas.

> *No início do ano nós tivemos que fazer um planejamento anual, dividir o DOM em três trimestres [...] o DOM também não abrange tudo que a gente precisa trabalhar. É bem complexo, mas a gente precisa. Tanto que a nossa chamada tem que ter os códigos do DOM. Nós temos que ter os códigos do DOM no nosso planejamento.*

Embora seja importante haver uma orientação por parte da rede em termos de conteúdos e habilidades a serem desenvolvidas, trata-se de um encaminhamento da mantenedora que acabou por engessar e sobrecarregar mais ainda as professoras. A preocupação que deveria estar, centralmente, voltada para as questões de aprendizagem e para a elaboração de um planejamento coerente, acabou se tornando mais um afazer burocrático.

No que diz respeito ao nível de conhecimento dos alunos acerca da leitura e da escrita, 71,8% das entrevistadas classificaram entre os parâmetros de regular, ruim, péssima ou inexistente. As defasagens das crianças e a heterogeneidade acentuada das turmas foram preocupações trazidas, quase que de forma unânime, pelas professoras. E quando questionadas sobre o suporte recebido, a carência por formações pedagógicas foi uma das questões apontadas. Para Denise,

> *Faltam cursos de alfabetização, falta a gente falar, ter seminário na rede, falta a gente ter esse olhar para nós, professores da base, do primeiro ao quinto [...]. Eu queria estudar mais, eu queria que tivesse mais cursos que fossem*

[12] Documento elaborado pela Secretaria Municipal de Educação do município investigado, com base na BNCC e no Referencial Curricular Gaúcho.

> *proporcionados para que eu pudesse participar, para que eu fosse liberada da escola para ir [...]. Parece que a escola, que a SMED, não têm a visão dessa forma.*

A desigualdade de acesso às tecnologias e materiais quando no ensino remoto, também foi um fator importante citado pelas professoras para a configuração do cenário atual. Aquelas crianças que acompanharam as aulas remotas de alguma forma, quer seja por terem acesso aos recursos tecnológicos ou pelo acompanhamento familiar, conseguiram ter um desempenho melhor no retorno (MACEDO, 2022). A maior parte das entrevistadas compreende a desigualdade de acesso à tecnologia e a outros materiais como um dos maiores desafios vivenciados.

Embora tenha sido um processo difícil, o trabalho das professoras no ensino remoto possibilitou que os alunos permanecessem com algum tipo de direcionamento e contato com a escola. As famílias que, mesmo num cenário de insegurança de todas as ordens, conseguiram acompanhar em alguma medida seus filhos, impactaram no processo de aprendizagem dos alunos.

Outro ponto que merece atenção refere-se ao suporte material e pedagógico para as docentes no retorno ao ensino presencial, pois 64% das docentes sinalizaram como um grande desafio o fato de não terem recebido o devido suporte da rede, conforme tabela abaixo.

Indique em uma escala de 0 a 10, na qual 0 indica menor desafio e 10 maior desafio **Receber suporte material e pedagógico da minha rede**	**Quantidade**	%
0 a 5	26	36,6%
6 a 10	45	64,4%
Total geral	**71**	**100,00%**

As professoras precisavam planejar formas de recuperação das lacunas, mas o cenário era extremamente desafiador e exigia o suporte da escola e da rede. Isso pode ser facilmente percebido nas palavras de Antônia:

> *Toda a questão logística organizacional relacionada à escola, os horários, os locais, as salas… continuavam o mesmo. O número de alunos aumentou. E foi uma situação em que eu, como professora, não tive o suporte da SMED e da coordenação, necessário para esse retorno. Então foi tudo muito empurrado, a direção meio perdida, nós também meio perdidos. E como a Sara* (nome fictício para a colega citada) *sempre diz: "Nós trocamos o pneu com o carro andando".*

Percebemos que os sentimentos aqui retratados são representativos do coletivo de professoras ouvidas com a pesquisa. Não existe um movimento de culpabilização de um ou outro sujeito envolvido no processo, no entanto, existe a percepção de que a falta de suporte, quer seja por desconhecimento ou desorganização da rede, foi prejudicial e causou sobrecarga às professoras, da mesma forma que tornou mais lento o processo de recuperação das aprendizagens.

Considerações Finais

A frase *"nós trocamos o pneu com o carro andando",* mencionada por Antônia, traduz o sentimento predominante entre as docentes. Muitas afirmaram que percebiam o desejo da escola de buscar alternativas, de organizar o processo após o retorno, no entanto, sinalizaram que isso acontecia sem suporte adequado da rede. Com a mantenedora sem prover a organização necessária e as equipes diretivas sem o suporte adequado, a minimização da precariedade do retorno passou, novamente, pelo trabalho das docentes.

Esta pesquisa evidencia que a presença efetiva e o direcionamento da rede são aspectos fundamentais para que as escolas possam se organizar em busca de estratégias em que as crianças avancem e recuperem, mesmo que lentamente, as lacunas deixadas pela pandemia.

Existe um longo caminho a ser percorrido e continuamos, enquanto pesquisadores vinculados à Pesquisa Nacional Alfabetização em Rede, fazendo o contato e acompanhamento das professoras, com vistas a contribuir com este processo de retomada da democratização da educação em nosso país, garantindo o direito à leitura e à escrita.

Referências

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, 1977.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais humanas**. Brasília: Liber Livro Editora, 2012, 79p.

MACEDO, M. S. S. N. (org). **Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19**: resultados de uma pesquisa em rede. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.

MACEDO, M. S. S. N; CARDOSO, A. L. J. **Alfabetização de crianças na pandemia da Covid-19 no Brasil: uma análise estatístico-descritiva.** *In:* MACEDO, M. S. S. N. (org). Retratos da alfabetização na pandemia da COVID-19: resultados de uma pesquisa em rede. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2022.

NÓVOA, A. **Escolas e professores**: proteger, transformar e valorizar / António Nóvoa, colaboração Yara Alvim. Salvador: SEC/IAT, 2022.

OLIVEIRA, D. A.; JUNIOR, E. A. P. GESTRADO. Grupo de Estudos Sobre Política Educacional e Trabalho Docente. Base de dados. **Docência na Educação Básica em tempo de pandemia**. Belo Horizonte: UFMG, 2020.

SAVIANI, D.; GALVÃO, A. C. Educação na pandemia: a falácia do “ensino remoto”. **Universidade e Sociedade**, ANDES-SN, Brasília, n. 67, p. 36-49, jan. 2021. Disponível em: https://www.andes.org.br/img/midias/0e74d85d3ea4a065b283db72641d4ada_1609774477.pdf. Acesso em 18 mai. 2023.